

Pedaços de história para uma identidade memorialística do século XIX: F.-R de Chateaubriand*

Beatriz Cerisara Gil**

Resumo

As *Mémoires d'outre-tombe*, de F.-R. de Chateaubriand, constituem rica criação literária para o entendimento de questões identitárias que envolvem diferentes dimensões da história de vida do memorialista. Este trabalho pretende abordar a perspectiva singular dessa narrativa, que expõe os impasses na construção de uma compatibilidade mínima entre a esfera subjetiva e familiar do autor e a conjuntura convulsionada da França após 1789. São analisados particularmente alguns recursos narrativos que se referem às origens sociais – nobres e provinciais – de Chateaubriand.

Palavras-chave

Narrativa memorialística; história; identidade; Antigo Regime

Abstract

The *Mémoires d'outre-tombe*, by F.-R. Chateaubriand, is a rich literary creation which enables better understanding of identity issues involving different dimensions of the memorialist's life history. This work aims to address the unique perspective of this narrative that exposes the difficulties in building a minimal compatibility between the author's subjective sphere and family sphere as well as the convulsed situation of France after 1789. Here some narrative resources that refer to Chateaubriand's social origins – provincial and noble ones – are analyzed.

Keywords

Memorial narrative; history; identity; Old Regime

UM TRAÇO ESSENCIAL DO PENSAMENTO DE F.-R. DE CHATEAUBRIAND, escritor francês de origem nobre bretã, tendo vivido entre 1768 e 1848, reside no compromisso e na tenacidade em esquadrihar a sociedade francesa da sua época, levando em conta, particularmente, as profundas transformações ocorridas após a Revolução Francesa. A história pessoal desse romancista e memorialista e as mudanças por que passa seu país natal são longamente narradas em seu texto intitulado *Mémoires d'outre-tombe*, que tem sido retomado e estudado especialmente a partir dos anos 80.

Àqueles que se dedicam a estudar seus escritos, parece bastante claro, hoje, que essas memórias acabaram por estar por muito tempo – em torno de quarenta anos – no centro das atenções desse romancista, jornalista e ensaísta, constituindo objeto privilegiado de sua escrita e de seus cuidados no campo poético. Questão central que se apresenta para nós é o fato de que esse texto memorialístico, também referência importante para escritores brasileiros, especialmente na segunda metade do século XIX e virada do XX, foi construído em torno do entendimento de Chateaubriand sobre como representar aquilo que deveria/poderia ser a inserção do protagonista em sua História. E é dentro dessa perspectiva que estão brilhantemente tematizadas as relações de afastamento, aproximação, estranhamento, necessidade ou rejeição entre o protagonista e sua história.

A história pessoal de Chateaubriand está diretamente determinada pela história de seu país, e é na passagem da antiga ordem social, monárquica e aristocrática para um mundo de valores novos, orientado pelo ideário republicano e igualitário, que se inscreve seu percurso de vida. Os eventos de 1789 foram cruciais na existência do memorialista e a ruptura histórica provocada pela Revolução, com todas as suas consequências ao longo da primeira metade do século XIX, constitui a problemática central das *Mémoires d'outre-tombe*. Essa escrita desenha um itinerário de transição que Chateaubriand vai sintetizar da seguinte forma: “Je me suis rencontré entre deux siècles, comme au confluent de deux fleuves; j’ai plongé dans leurs eaux troublées, m’éloignant à regret du vieux rivage où je suis né, nageant avec espérance vers une rive inconnue” (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 1027)¹.

¹ “Encontrei-me entre dois séculos, como na confluência de dois rios; mergulhei em suas águas agitadas, distanciando-me a contragosto da antiga margem onde nasci, nadando com esperança em direção a uma

Ao elaborar esteticamente o combate entre antigo e atual, entre passado e presente, a narrativa das *Mémoires* transforma-se em espaço rico de recursos poéticos e composicionais. Não é nada simples essa representação de elementos contrários que devem, a partir de então, coexistir e estar em permanente relação uns com os outros, e é dentro desse desafio que o autor erige uma espécie de museu narrativo ao colocar, lado a lado, cartas, diários íntimos, e comentários políticos, artísticos, religiosos, por exemplo, além de quadros de figuras históricas sublimes e grotescas, seguidamente ambas no mesmo personagem.

Aqui, concentramo-nos, sobretudo, em peças do mundo *antigo*, anterior à Revolução Francesa, colocadas à disposição do leitor logo nos primeiros capítulos desse impressionante monumento de poesia testemunhal. O memorialista, que vai repertoriar sua origem familiar nobre e que apresenta os vestígios de sua identidade formada nos recônditos e seguidamente conflagrados espaços da Bretanha, vai deixando mais ou menos claro que jamais se desvencilhará inteiramente dessa sua história, embora venha a ser eventualmente um forte crítico dela. As *Mémoires* iniciam-se com uma detalhada descrição da genealogia familiar do narrador-protagonista Chateaubriand. Uma narrativa protocolar, que apresenta sua linhagem aristocrática e reconstitui o eixo familiar que é autenticado por fontes bibliográficas e históricas claras, pelas quais o leitor é orientado a verificar a veracidade das informações ali trazidas.

Les preuves de ma descendance furent faites entre les mains de Chérin, pour l'admission de ma soeur Lucile comme chanoinesse au chapitre de l' Argentière, [...]; elles furent reproduites pour ma présentation à Louis XVI, reproduites pour mon affiliation à l'ordre de Malte et reproduites, une dernière fois, quand mon frère fut présenté au même infortuné Louis XVI.

Mon nom s'est d'abord écrit *Brien*, ensuite *Briant* et *Briand*, par l'invasion de l'orthographe française. Guillaume le Breton dit *Castrum-Briani*. Il n'y a pas un nom en France qui ne présente ces variations de lettres. Quelle est l' orthographe de du Guesclin?

Les *Brien* vers le commencement du onzième siècle communiquèrent leur nom à un château considérable de Bretagne, et ce château devint le chef-lieu de la baronnie de Chateaubriand. Les armes des Chateaubriand étaient d' abord des pommes de pin avec la devise: *Je sème l'or*. (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 117)²

margem desconhecida”. Todas as traduções apresentadas a seguir são retiradas da tese referida nesta bibliografia.

² “As provas de minha descendência foram feitas pelas mãos de Chérin, para admissão de minha irmã enquanto cônica no Capítulo de l'Argentière,[...]; estas foram reproduzidas para minha apresentação a Luís XVI, reproduzidas para minha filiação à Ordem de Malta e reproduzidas, uma última vez, quando meu irmão fora apresentado ao desafortunado Luís XVI. No princípio, meu nome escrevia-se Brien, a seguir Briant e Briand, por interferência da ortografia francesa. Guillaume le Breton dito Castrum-Briani. Não há um só nome na França que não apresente estas variações de letras. Qual é a ortografia de du Guesclin? Pelo começo do século XI os Brien transmitiram seu nome a um prestigioso castelo da

Lembremos, afinal, que, na velha ordem feudal, as provas de nobreza eram uma condição para ratificar as posições sociais e transmiti-las a outrem. A origem da linhagem dos Chateaubriand situa-se precisamente no século XI, com o barão Brien. A partir de então, vinte e três gerações se sucedem até o autor do *Gênio do Cristianismo*. Essa aristocracia, que tradicionalmente não possuía laços diretos com a corte, formava uma nobreza de província em geral bastante refratária às iniciativas e políticas do poder central. Se a história de Chateaubriand confunde-se, em grande medida, com a natureza e as aspirações dessa aristocracia e com as lutas de sua província, ela é igualmente construída pelos efeitos que os costumes de transmissão de poder e de fortuna na Bretanha tiveram sobre o escritor. A tradição determinava que o primogênito deveria herdar dois terços da fortuna paterna além de todas as propriedades, sendo o restante da riqueza dividida entre os outros descendentes. Em razão desse regime de divisão de heranças, não era raro que muitos nobres caçulas bretões se tornassem bastante pobres e arrastassem suas famílias em busca da recuperação da riqueza e da propriedade. G. Painter, numa biografia de Chateaubriand, observa que alguns conseguiam refazer fortuna graças à guerra ou a um bem-sucedido casamento ou, ainda, entrando para o clero e morrendo sem descendência, enquanto outros fundiam-se com os camponeses em trabalhos na terra. De qualquer forma, nesse processo, reforçava-se uma cultura particular de orgulho e resistência que será objeto de análise dos escritos do memorialista.

O narrador das *Mémoires*, no início de sua longa empreitada, apresenta sua linhagem constituída por inúmeros duques, condes e cavaleiros para, a seguir, ponderar sobre os acasos do destino que o fez nascer fidalgo, lembrando, em contrapartida a essa herança, os eventos de sua época que ocasionarão as transformações de seu estatuto social e as incertezas e instabilidades da trajetória.

A história de François-René de Chateaubriand compreende a história de seu pai, René-Auguste, e o memorialista empreende uma impressionante descrição do que veio a ser a força da autoridade paterna no seio da vida familiar, assim como no da comunidade local, devido a sua condição de grande senhor. Vale lembrar que uma ruptura na transmissão dos títulos de nobreza levará o pai a engajar-se numa luta pessoal

Bretanha, e este castelo tornou-se a sede do baronato de Chateaubriand. As armas de Chateaubriand no princípio eram pinhas com a divisa: Semeio ouro”.

para a reconquista de títulos perdidos, no que, aliás, obterá êxito graças à considerável fortuna que consegue acumular em negócios aos quais se dedicavam parte dessa aristocracia. Tal aristocrata lança-se a uma das mais propícias e reconhecidas atividades econômicas nas circunstâncias da época: a navegação. De um lado banhado pelo Canal da Mancha, e a oeste pelo oceano Atlântico, o território bretão possui uma geografia natural privilegiada que favorece o comércio marítimo. A exploração marítima constituirá, então, parte essencial de sua carreira, que vai abrir-se a diferentes atividades comerciais, como a construção naval, o transporte de mercadorias e o tráfico de escravos. Além disso, as campanhas militares (a guerra dos Sete Anos acontece entre 1756 e 1762) e a concorrência com os ingleses na zona comercial marítima e na disputa pelas colônias da América proporcionam outras atividades, nos limites na pirataria.

Apesar da intermitência de seus êxitos nesses empreendimentos em contexto turbulento do comércio marítimo durante o século XVIII, René-Auguste obtém significativa riqueza, a qual lhe permite comprar o castelo de Combours, em 1761, recuperando, finalmente, os títulos de nobreza da família.

No que diz respeito aos posicionamentos diante do centralismo monárquico na França, o pai adota as atitudes típicas de parte da nobreza de província, cuja particularidade era fazer oposição constante às medidas governamentais, em particular às iniciativas econômicas. Sobre o teor de suas opiniões, somos advertidos pelo narrador na seguinte passagem: “Son sang breton le rendait d'ailleurs frondeur en politique, grand opposant des taxes et violent ennemi de la cour” (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 239)³. A autoridade paterna, a propósito, é tema recorrente. O narrador menciona, frequentemente, a influência e a opressão exercidas pelo temperamento do pai:

De la naissance de mon père et des épreuves de sa première position, se forma en lui un des caractères les plus sombres qui aient été. Or, ce caractère a influé sur mes idées en effrayant mon enfance, contrastant ma jeunesse et décidant du genre de mon éducation.

Je suis né gentilhomme. Selon moi, j'ai profité du hasard de mon berceau, j'ai gardé cet amour plus ferme de la liberté qui appartient principalement à l'aristocratie dont la dernière heure est sonnée. (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 116)⁴

³ “Seu sangue bretão o havia convertido, aliás, num frondista em política, era um grande adversário dos impostos e inimigo ferrenho da corte”.

⁴ “O nascimento de meu pai e as provas por que passou em sua primeira posição formaram nele uma das personalidades mais sombrias que já houve. Esse caráter influenciou minhas ideias, aterrorizando minha infância, amargurando minha juventude e determinando o gênero de minha educação. Nasci gentilhomem. Creio que me beneficiei do acaso de minha origem, conservei este amor sólido pela liberdade que é patrimônio, sobretudo, da aristocracia cujo fim foi anunciado”.

Filho caçula, preterido materialmente dentro da típica conformação do sistema familiar, conforme vimos, François-René encarnará o espírito de rebeldia, o tédio e a melancolia já nos primeiros momentos de sua existência:

Au reste, qu'on me pardonne d'avoir été contraint de m' abaisser à ces puérides ré citations, afin de rendre compte de la passion dominante de mon père, passion qui fit le noeud du drame de ma jeunesse. Quant à moi, je ne me glorifie ni ne me plains de l'ancienne ou de la nouvelle société. Si, dans la première, j'étais le chevalier ou le vicomte de Chateaubriand, dans la seconde je suis François de Chateaubriand; je préfère mon nom à mon titre. (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 121)⁵

É assim que nosso protagonista rejeita prudentemente os profundos laços com seu passado ou o apego excessivo à glória e ao orgulho de pertencer à nobreza, já vislumbrando na outra margem do rio um novo horizonte – o de uma nova ordem política e social, com a qual deverá negociar, e que, sobretudo, deverá formar o horizonte de sua escrita: “Cette hauteur était le défaut de ma famille; elle était odieuse dans mon père; mon frère la poussait jusqu'au ridicule; elle a un peu passé à son fils aîné. – Je ne suis pas bien sûr, malgré mes inclinations républicaines de m'en être complètement affranchi, bien que je l'aie soigneusement cachée” (CHATEAUBRIAND, 2003, p.178-9)⁶.

Note-se que as referências exaustivas às linhagens, aos feitos e às provas de nobreza, com o intuito de esclarecer a posição familiar em sua relação com o poder monárquico, eram correntes dentro da tradição das memórias aristocráticas, tão disseminadas na França dos séculos XVI e XVII. Porém, nesse novo contexto, a presença dessas descrições suscita alguma curiosidade. A resposta a essa espécie de anacronismo, contudo, é dada pelo próprio memorialista ao evocar as “pueris recitações” que estão na base das paixões sociais e que serão o nó e o drama de sua história. Assim, é preciso reconhecer nesses sinais de ironia ou desdém relativos à sua posição social de origem parte de um redimensionamento desse recurso à genealogia nas circunstâncias inéditas em que vive o protagonista Chateaubriand já velho, escritor de suas memórias.

⁵ “De resto, que me perdoem o constrangimento de descer a estas pueris recitações, a fim de dar conta da paixão dominante de meu pai, paixão que foi o nó do drama de minha juventude. Quanto a mim, não me vanglorio nem me queixo da antiga ou da nova sociedade. Se, na primeira, eu era o cavaleiro ou o visconde de Chateaubriand, na segunda sou François de Chateaubriand; prefiro meu nome a meu título”.

⁶ “Esta altivez era o defeito de minha família; ela era odiosa em meu pai; meu irmão a levava ao ridículo; foi passada um pouco a seu filho mais velho. – Eu não tenho muita certeza, apesar de minhas inclinações republicanas, de tê-la superado completamente, ainda que a tenha cuidadosamente ocultado”.

Essa exposição, que em outras condições servia para atestar a veracidade dos fatos, encontra-se parcialmente privada de suas funções originais nesse novo momento histórico que a narrativa das memórias põe em cena. Em compensação, perdendo suas funções de *prova*, esses registros parecem adquirir, neste contexto literário, um valor estético que problematiza a relação do protagonista com seu passado. Ou seja, a inserção das provas de fidalguia e de pertencimento à nobreza – registros ou formas tradicionais aristocráticas por excelência – recria, dentro deste monumento de consciência histórica e de consciência de si que são as *Mémoires d'outre-tombe*, toda a complexidade da situação do nobre-cidadão Chateaubriand às voltas com os profundos desacordos entre seu universo privado e social num momento de grave ruptura histórica.

Outras provas para uma identidade cindida

O mesmo narrador que detalha o quadro genealógico, lançando um viés de ironia sobre sua relação com a herança material e simbólica, vai utilizar, logo a seguir, outro procedimento com a finalidade de representar a distância de mundo e de visões no intervalo de menos de vinte anos na história da França. Como retratar ao futuro leitor o contraste de modos, crenças e linguagens, isto é, como representar as imagens de duas França que se opõem e que deverão concorrer a partir de então, naquele solo político fértil, após os eventos revolucionários que perseguirão a consolidação republicana?

Chateaubriand havia insistido sobre a impotência das palavras para traduzir a radicalidade de sua experiência, evocando a força avassaladora da lembrança da seguinte forma: “telle est dans les choses matérielles l'impuissance de la parole et la puissance du souvenir!” (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 160)⁷. Nesse sentido, para compensar a *deficiência* descritiva em sua narrativa, o autor lança mão, por exemplo, de “páginas de história”, que vão compor a complexidade do quadro e fornecer uma surpreendente heterogeneidade de voz à narrativa. Logo nos primeiros livros – no capítulo 5 do quarto livro, sendo que a obra é composta por 42 livros –, quando Chateaubriand empenha-se em destacar, na brutalidade dos tempos revolucionários, a revolução que sofreu seu universo familiar aristocrático a partir de 1789 e as transformações na ordem social, temos uma das passagens notáveis em que o autor

⁷ “[...] assim é, para as coisas materiais, a impotência da palavra e o poder da lembrança!”

apresenta a seu leitor documentos autênticos, que fornecem o testemunho da mudança dos tempos.

Dois excertos de documentos são apresentados: o primeiro é a certidão de óbito do pai de Chateaubriand, ocorrido em 1786, e o segundo, a certidão de morte da mãe, a qual desaparece em 1798. Eis, então, a forma dada ao registro de morte de seu pai, nobre fidalgo, antes da Revolução:

Parmi les pièces authentiques qui me servent de guide, je trouve les actes de décès de mes parents. Ces actes marquant aussi d'une façon particulière le *décès du siècle*, je les consigne ici comme une page d'histoire.

“Extrait du registre de décès de la paroisse de Combours, pour 1786, où est écrit ce qui suit, folio 8, verso”:

“Le corps de haut et puissant messire René de Chateaubriand, chevalier, comte de Combours, seigneur de Gaugres, le Plessis-l'Épine, Boulet, Malestroit en Dol et autres lieux, époux de haute et puissante dame Apolline-Jeanne-Suzanne de Bedée de La Bouëtardais, dame comtesse de Combours, âgé de soixante-neuf ans environ, mort en son château de Combours, le six septembre, environ les huit heures du soir, a été inhumé le huit, dans le caveau de ladite seigneurie placé dans le chateau de notre église de Combours, en présence de messieurs les gentilshommes, de messieurs les officiers de la juridiction et autres notables bourgeois soussignants. Signé au registre: le comte du Petitbois de Monlouët, de Chateaudassy, Delaunay, Morault, Noury de Mauny, avocat; Hermer, procureur; Petit, avocat et procureur fiscal; Robiou, Portal, Le Douarin de Trevelec, recteur doyen de Dingé; Sévin, recteur”.

Dans le *collationné* délivré en 1812 par M. Lodin, maire de Combours, les dix-neuf mots portant titres: *haut et puissant messire*, etc., sont biffés. (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 237-8)⁸

Por outro lado, a morte da mãe, que acontece quase dez anos depois dos eventos revolucionários de 1789, é apresentada, oficialmente, nos termos a seguir:

“Extrait du registre des décès de la ville de Saint-Servan, premier arrondissement du département d'Ille-et-Vilaine, pour l'an VI de la République, folio 35, recto, où est écrit ce qui suit:

“Le douze prairial, an six de la République française devant moi, Jacques Bourdasse, officier municipal de la commune de Saint-Servan élu officier public le

⁸ “Entre os documentos autênticos que me servem de guia, encontro a certidão de óbito de meus pais. Essas certidões também marcam de modo particular o *óbito do século*, e eu as transcrevo aqui como uma página de história”.

“Extrato do registro de óbito da paróquia de Combours, para o ano de 1786, onde se lê o que se segue:

“O corpo do alto e poderoso, senhor René de Chateaubriand, cavaleiro, conde de Combours, senhor de Gaugres, le Plessis-l'Épine, Boulet, Malestroit en Dol e outros lugares, esposo da alta e poderosa senhora Apolline-Jeanne-Suzanne de Bedée de La Bouëtardais, senhora condessa de Combours, com idade aproximada de sessenta e nove anos, morto em seu castelo de Combours, em 6 de setembro, por volta das oito horas da noite, foi inumado no dia 8, na sepultura da dita senhoria, situada na rota de nossa igreja de Combours, em presença dos senhores gentis-homens, dos senhores oficiais da jurisdição e outros notáveis burgueses que subscrevem. Firmado no registro: o conde du Petitbois de Monlouët, de Chateaudassy, Delaunay, Morault, Noury de Mauny, advogado; Hermer, procurador; Petit, advogado e procurador fiscal; Robiou, Portal, Le Douarin de Trevelec, reitor deão de Dingé; Sévin, reitor.”

Na *cópia* entregue em 1812 pelo senhor Lodin, administrador de Combours, as dezenove palavras trazendo os títulos *alto e poderoso senhor*, etc. são riscadas”.

quatre floréal dernier, sont comparus Jean Baslé, jardinier, et Joseph Boulin, journalier, lesquels m'ont déclaré qu'Apolline-Jeanne-Suzanne de Bedée, veuve de René-Auguste de Chateaubriand, est décédée au domicile de la citoyenne Gouyon, situé à La Ballue, en cette commune, ce jour, à une heure après midi. D'après cette déclaration, dont je me suis assuré de la vérité, j'ai rédigé le présent acte, que Jean Baslé a seul signé avec moi, Joseph Boulin ayant déclaré ne le savoir faire, de ce interpellé.

Fait en la maison commune lesdits jour et an. Signé : Jean Baslé et Bourdasse.”
“telle est dans les choses matérielles l'impuissance de la parole et la puissance du souvenir!”, (CHATEAUBRIAND, 2003, p. 237-8)⁹

O narrador, manifestando ao leitor dessas páginas toda a sua perplexidade, apresenta as diferenças fundamentais no ritual da linguagem oficial, que traduz, de um lado, a organização rigidamente hierarquizada do Antigo Regime, na qual os senhores de Chateaubriand possuíam posição privilegiada na escala social, investidos, portanto, da solenidade protocolar que lhes cabia juridicamente; e, de outro lado, a inédita situação de equivalência civil entre os franceses, expressa pela designação de cidadania na certidão de óbito da mãe. Vejamos como o próprio memorialista avalia esse novo estado das coisas:

Dans le premier extrait, l'ancienne société subsiste : M. de Chateaubriand est un *haut et puissant seigneur*, etc. etc. ; les témoins sont des gentilshommes et de notables *bourgeois* ; je rencontre parmi les signataires ce marquis de Monlouët qui s'arrêtait l'hiver au château de Combourg, le curé Sévin, qui eut tant de peine à me croire l'auteur du *Génie du Christianisme*, hôtes fidèles de mon père jusqu'à sa dernière demeure. Mais mon père ne coucha pas longtemps dans son linceul: il en fut jeté hors quand on jeta la vieille France à la voirie.

Dans l'extrait mortuaire de ma mère, la terre roule sur d'autres pôles: nouveau monde, nouvelle ère; le comput des années et les noms mêmes des mois sont changés. Madame de Chateaubriand n'est plus qu'une pauvre femme qui obite au domicile de la citoyenne Gouyon; un jardinier, et un journalier qui ne sait pas signer, attestent seuls la mort de ma mère: de parents et d'amis, point; nulle pompe funèbre ; pour tout assistant, la Révolution. (CHATEAUBRIAND, 2003, p.238)¹⁰

⁹ “Extrato de registro dos óbitos da cidade de Saint-Servan, primeiro distrito do departamento d’Ille-et-Vilaine, para o ano VI da República, folio 35, frente, onde se lê o que se segue: “Em doze prairal, ano sexto da República Francesa, em minha presença, Jacques Bourdasse, oficial municipal da comuna de Saint-Servan, eleito oficial público em quatro floreal último, compareceram Jean Baslé, jardineiro, e Joseph Boulin, jornaleiro, os quais declararam que Apolline-Jeanne-Suzanne de Bedée, viúva de René-Auguste de Chateaubriand, faleceu no domicílio da cidadã Gouyon, situado em La Ballue, nesta comuna, neste dia, à uma hora da tarde. De acordo com esta declaração, cuja veracidade me foi assegurada, redigi a presente ata que apenas Jean Baslé subscreveu comigo, tendo Joseph Boulin, ao ser interpelado para tal, declarado não saber fazê-lo.

Estabelecido na casa comunal nos referidos dia e ano. Assinado Jean Baslé e Bourdasse.”

¹⁰ “Na primeira certidão, a antiga sociedade subsiste: senhor de Chateaubriand é um *alto e poderoso senhor*, etc., etc.; os testemunhos são *gentis-homens* e *notáveis burgueses*; eu encontro entre as assinaturas esse marquês de Monlouët, que, no inverno, abrigava-se no castelo de Combourg, o cura Sévin, que tanto custou a acreditar-me autor do *Gênio do Cristianismo*, hóspedes fiéis de meu pai até sua última morada. Mas meu pai não repousou muito tempo em seu sudário. Ele foi jogado fora, quando se jogou a velha França na lixeira. Na certidão de morte de minha mãe, a terra roda sobre outros pólos: novo mundo, nova era; o cômputo dos anos e até os nomes dos meses estão mudados. A senhora de Chateaubriand não é mais que uma pobre mulher que falece no domicílio da *cidadã* Gouyon; um

Pudemos identificar, aqui, o material do qual se serve Chateaubriand para a discussão que faz sobre a desagregação de sua vida familiar e, uma vez identificada a presença dessas peças na narrativa memorialística do autor, ser-nos-ia possível ir um pouco além para tentar entender a dimensão representativa desses registros, coisa que fazemos muito brevemente. Como devemos interpretar esses expedientes narrativos presentes na obra? O que suscitam esses *anacronismos* para além de uma heterogeneidade retórica de superfície do texto? O que eles sugerem no quadro dessa transformação radical, individual e coletiva que modela as *Mémoires*?

Alguma resposta pode ser buscada na aproximação desses excertos com outros elementos igualmente singulares da narrativa. Nesse caso, convém lembrar que já se chamou a atenção sobre o que seria um gênero híbrido da criação memorialística de Chateaubriand. Os retratos, os diários, o comentário e a crônica histórica, por exemplo, constituem a obra e abrem caminho para a realização de um projeto pelo qual o autor quer representar sua época vertiginosa por meio da representação de sua pessoa.

No entanto, a enorme força artística das Memórias reside no fato de que a autobiografia dessa *pessoa* transforma-se em história de vida que não descarta histórias outras que entranham seu movimento. O engenho da escrita em sua densidade romântica articula vertiginosamente pequena e grande história. Aquela fórmula contrastiva que coloca em relevo tais peças autênticas sustenta uma espécie de espaço poético, que deverá ressaltar as oposições entre a sociedade do Antigo Regime e a sociedade moderna com reivindicações democráticas, oposições que serão formalmente aprofundadas ao longo da obra.

Tendo como ponto de partida a dissolução da identidade familiar e social, Chateaubriand vai trazer para o conjunto de suas *Mémoires* outros planos em que repercutem sua história, a fim de iluminar e examinar suas novas condições de existência. Os âmbitos político e religioso estarão substancialmente presentes nessa narrativa, por exemplo. E, cabe notar: diante da encruzilhada, o narrador-protagonista mobiliza seus recursos íntimos, subjetivos, que se sustentam pela força de uma linguagem poética agonizante, cujos últimos sinais vitais vão sendo persistentemente

jardineiro e um jornaleiro que não sabe assinar são os únicos a atestarem a morte de minha mãe: parentes e amigos, não há; nenhuma pompa fúnebre; por único assistente, a Revolução”..

alimentados e reconstituídos nessas memórias que já trazem carimbadas, no próprio título, seu atestado de morte pelo escritor de além-túmulo.

Uma contradição essencial está presente na visão sobre o universo da antiga sociedade: a base da formação moral, intelectual e religiosa de Chateaubriand, a qual povoa suas recordações afetivas – profundas e indelévels –, é, ao mesmo tempo, desencadeadora do sentimento de recusa e de um estado permanente de crítica. Nessa perspectiva, a exposição da genealogia do protagonista ou as certidões de morte de seus pais apresentam-se como peças raras, pois colocam em valor procedimentos ou visões superadas. Assim, pouco a pouco, no desenrolar de seu drama pessoal, o memorialista vai fazendo o enterro de seus objetos como se fossem espectros de uma história que vai se transformando sensivelmente num museu de antiguidades, e vai realizar, com toda a cerimônia, o luto de um mundo que se esgota, mundo esse representado pela esterilidade de seus métodos e formas.

Podemos mencionar outro aspecto que reforça ainda mais o olhar contrastado e contraditório sobre o mundo. A descrição dos testemunhos e documentos transmutados em objetos supérfluos mistura-se com as reflexões na voz lírica do narrador. O enquadramento de uma de nossas citações oficiais acompanha-se de uma declaração intimista na qual o protagonista afirma sua aversão pela vida: desde o início de seus dias, ele se quer um sujeito resistente e estranho a seu país:

Je fus le dernier de ces dix enfants. Il est probable que mes quatre soeurs durent leur existence au désir de mon père d'avoir son nom assuré par l'arrivée d'un second garçon; je résistais, j' avais aversion pour la vie.

Voici mon extrait de baptême.

“Extrait des registres de l' état civil de la commune de Saint-Malo pour l' année 1768. François-René de Chateaubriand, fils de René de Chateaubriand et de Pauline-Jeanne Suzanne de Bedée, son épouse, né le 4 septembre 1768, baptisé le jour suivant par nous, Pierre-Henry Nouail, grand-vicaire de l'évêque de Saint-Malo”. (Chateaubriand, 2003, p. 127).¹¹

O contrassenso, a advertência bizarra de vir ao mundo contra sua vontade, envolvem sombriamente as informações sobre a sorte de sua família com o advento da Revolução: apenas parte de seus irmãos sobreviveu a ela.

¹¹ “Eu fui o último desses dez filhos. É provável que minhas quatro irmãs devam sua existência ao desejo de meu pai de ter seu nome afiançado pela chegada de um segundo menino; eu resistia, tinha aversão pela vida. Eis aqui minha certidão de batismo: “Certidão dos registros de Estado civil da comuna de Saint-Malo para o ano de 1768. François-René de Chateaubriand, filho de René de Chateaubriand e de Pauline-Jeanne Suzanne de Bedée, sua esposa, nascido em 4 de setembro de 1768, batizado no dia seguinte por nós, Pierre-Henry Nouail, vigário-geral do bispo de Saint-Malo”.

Resistência e aversão são os primeiros impulsos pelos quais se inicia a construção do personagem autobiógrafo que se faz *contra* as coisas. É nessa perspectiva, *contra* a vida também, que François-René dá às costas aos homens vivos e anuncia sua perspectiva póstuma de autor morto. Além disso, a sentença nos dá a chave para irmos tomando conhecimento da instância fortemente subjetivista de que o narrador vai se ocupar dali em diante. Nessa conformação inicial de uma psicologia remota para o personagem, temos os indícios de que uma subjetividade está ganhando corpo e, se porventura, enfim, a história familiar aparenta seguir normalmente seu curso dentro das forças tradicionais de seu tempo (estamos ainda em 1768), o narrador-protagonista cria desde lá um ponto de disjunção ao fazer de seu nascimento um evento de uma solidão singular: mórbida e melancólica, mas também recalcitrante e orgulhosa.

Referências

CHATEAUBRIAND F.-R. de. *Mémoires d'outre-tombe*. Éd. établie par Jean-Claude Berchet, 2 t., Paris: LGF, 2003-2004.

GIL, Beatriz Cerisara. *Remémoration et histoire dans les Mémoires d'outre-tombe de F.-R. de Chateaubriand et leur traduction em portugais*. Porto Alegre: tese de doutorado, UFRGS, 2008.

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17549/000716364.pdf?sequence=1>

PAINTER, George D. *Chateaubriand. Une biographie*. Paris: Gallimard, 1979.

* Artigo recebido em 16/04/2013 e aprovado em 10/11/2013.

** Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Francesa.